



Cinema

Ano 1º
Nº 16

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

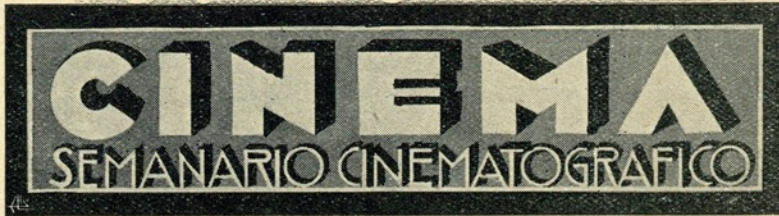
Preço
1,00

Na Capa: — Simo-
ne Cerdan, prota-
gonista do filme
«Partir»

Redactores:

João Santos
e Sousa Martins

Redacção e Administração:
Rua do Bomjardim, 436-3.º
PORTO



Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas:
Trimestre, 12\$00, Sem.
24\$00, Ano, 46\$00 —
Ultramar: Trimestre,
14\$50, Sem. 29\$00,
Ano 56\$00.

Administrador e Editor:
Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas
da Empresa AQUILA
Rua Duque Saldanha, 312
PORTO

MARYVONNE ROELO — 1.^a —
«Reaching for the Moon», «My Past»,
«Maltese Falcon» e «Honor of the Fa-
mily» são os últimos filmes de Bebe
Daniels. 2.^a — «Yankee Don», com Lu-
pita Tovar. 3.^a — Billie Dove fez «The
Other Tomorrow», «A Notorious Af-
fair», «Sweethearts and Wives», «Lady
Who Dared», «One Night at Susi's» e
«Age for Love».

TRES FUTURAS ESTRELAS: —
Muitíssimos parabéns! E sejam bem-
vindas! 1.^a — A minha impressão sô-
bre o Ronald Colman e o Charles Rog-
ers? Que são muitíssimo bons rapa-
zes. O primeiro é muito ajuizado, não
liga nenhuma às mulheres, não se mete
em pândegas, e, a-pesar-de já não ser
criança nenhuma, continua solteiro.
Tal qual como eu! O segundo, que
quasi podia ser filho do primeiro, pediu
licença, à «Paramount», arranjou uma
banda de rapazes da sua força e lá
anda em *tourneé* pela América, a tocar
jazz à custa da popularidade que gan-
hou na «Paramount». Tenho cá as
minhas desconfianças de que o Charles
Rogers, como actor de cinema, é ho-
mem ao mar. 3.^a — Isso lá das relações
entre a Lilian Harvey e o Willy Fri-
tsch é que não posso dizer! Credo! De-
pois diziam que era inveja, ciumes, etc.!

ALBERTO BARRADAS: — O, c'os
diabos, 5 cartas só por um vapor, e
cada uma delas com uma data de pre-
guntas! Ha uma solução: isto vai aos
bocadinhos, e o meu Amigo, aí em
Luanda, vai lendo com atenção esta
secção de todos os números, até fica-
rem as respostas em dia. Mas, pelo
Santo cá dos cinéfilos (que não sei
qual seja, mas que deve ser a Santa
Sylvia ou a Santa Lilian) não volte a
escrever senão quando vir que as res-
postas estão quasi em dia...

Sim senhor, «Marrocos» e «Fatali-
dade» foram dois grandes exitos para
C Marlene Dietrich. Cá pelo Continente
anda tudo Marlenico, a tal ponto que
I eu proibi que durante um mês se fa-
N lasse em Marlene. Faça esta excepção,
E porque Você é de Luanda e não teve
M conhecimento do meu *ukase*. Se a Li-
A lianzinha (é com um z e não com um
s, diz-me aqui um erudito professor) é
actriz de grande valor? Ora essa?
Isso é pergunta que se faça? A Lilian
é o suco dos sucos! Até é madrinha
da camarada «Invicta»! Cá o «Cinema»
tambem vai pedir o voto dos leitores,
para arranjar uma... sogra! E já sei
2 quem vai ganhar: é a Mady Berry.
Charles Farrell e Janet Gaynor são in-

Correspondência

separáveis, porque o público gosta do
parzinho, e a «Fox» quer fazer a von-
tade ao público. E, nesse ponto, faz
muito bem. Antonio Moreno é espa-
nhol; nasceu em Madrid. Quanto à Syl-
via Sidney... já lá vão muitas pre-
guntas. E depois, é proibido falar nela,
por enquanto. Agora, uma pergunta
minha: Você já viu aí em Luanda
«Ruas da Cidade»? Não viu? Então
venha cá à Europa vêr! Olhe que vale
a pena!

RAUL LEMOS: — Você desculpe,
mas eu só agora encontrei na corres-
pondência a responder o seu postal,
datado de 15 de Março. Tenha paciê-
cia! «Anny Faz-Tudo» e «Anny no
Music-Hall» nem são sonorizadas nem
mudas, são 100 % faladas. O filme «O
Morcégo» foi já exibido, mas com o
titulo «Anny na Alta Roda».

UM TRAIADOR: — Jesus! Valha-
me a estigmatizada! Não quero «traí-
dores» cá nesta secção. Se calhar Você
trabalha por conta do «Amok»...

O «rapazinho» de «Traição» é, sim,
Robert Arnoux. Apareceu em «Mar-
gem Esquerda» e «O Congresso que
Dança». Escreva-lhe para Paris, 19, rue
de Madrid, 8me. Agora, um segredo.
Parece-me que Você é «uma traidora».

VIVA A LILIAN! — Vivooooooooo!
1.^a — Lilian Harvey trabalha na «Ufa».
2.^a — Mande um marco em selos ale-
mães, e, se sabe bem inglês, escreva
nesta língua. Se não sabe, escreva em
português, porque não faz tam fraca
figura: E' que a Lilian Harvey é in-
glesa... 3.^a — Ha, sim senhor, o n.º 6
na Administração. Mande a importân-
cia de 1\$00.

UM PREGUNTÃO: — Cenarista ou
«continuity writer» é a mesma coisa.
Cá em Portugal não ha disso. Super-
visor corresponde na América ao chefe
produtor na Europa. Por exemplo:
Ernst Lubitsch produziu (ou supervi-
sou) «One Our With You», realizado
por George Cukor, como Guenther
Stapenhorst produziu «Dois Corações
a Compasso», realizado por Wilhelm
Thiele. Mas não esqueça que «super-
visor», na Europa, tem muitas vezes,
outro significado, sobretudo em versões
estrangeiras. Assim, André Daven
supervisou as versões francesas de «Trai-
ção» e «Dois Corações a Compasso»,

produções, respectivamente, de Erich
Pommer e G. Stapenhorst. Compreen-
deu?

MARIO SANTOS: — Os desenhos
animados da série «Silly Symphonies»
são feitos por Walt Disney. Escreva-
lhe para «Walt Disney Studios, Ltd»,
2719 Hyperion Avenue, Hollywood,
Cal. Mas não me parece que ele lhe
responda.

JOÃO RASCÃO: — A Administra-
ção vai responder-lhe directamente.
Diga-me uma coisa: já ha cinema so-
noro aí no Lobito?

CINCOENTA POR CENTO — 1.^a —
Ha um meio de acabar com os contra-
tadores: exhibir só filmes que não
prestem. Desaparecem como por en-
canto! 2.^a — Como é colorido um filme
«tecnicolor»? O meu caro, eu podia ir
procurar qualquer livro que tratasse
do assunto, e traduzir-lhe aqui alguns
periodos. Mas isso não é coisa que se
explique nesta secção! 3.^a — Tem ago-
ra no «Trindade», até segunda-feira
próxima, um filme de desenhos anima-
dos, «O Inferno», da série «Silly Sym-
phonies».

MARIANA: — O Charlot deve es-
tar agora em Singapura. Podia dar-lhe
a direcção dos Artistas Unidos, em
Paris, mas tenho a certeza de que a
carta não lhe chegaria às mãos. Dou-
-lhe a direcção de Hollywood, «Charlie
Chaplin Studios», 1416 La Brea Ave-
nue. Mas olhe que quando ele lá che-
gar deve lá ter um monte de corres-
pondência muito razoável!... Ha mais
dum ano que Chaplin anda cá pela
Europa em grande passeiata!...

EU QUERO A JOAN MARSH!...
— Isso tambem eu queria, e mais, só
a tenho visto em fotografias. Mas deve
ser um amorico de primeira grandesa.
Você já reparou que a «M-G-M» arranja
cada pedaço de actriz que é dum pro-
fano ficar logo cinéfilo 150 %? Mas
tambem já reparou que essas actrizes,
ou nunca aparecem entre nós, ou se
aparecem, é em papeis secundários,
em que a gente mal as distingue? Você
já viu a Joan Marsh a não ser em re-
tratos? Já viu a Mary Carlyle? Pois
esta tem um dos papeis de «Madame
Satan».

Quem me dera vêr uma fita de Joan
Marsh em que ela aparecesse como
nas fotografias que as revistas publi-
cam! Ah, quem me dera... «em frente,
marsh!»

EU SEI TUDO.



Kate de Nagy e Jean Murat em "Um homem feliz" ("Le Vainqueur") uma produção Erich Pommer da "Ufa", cantada e falada em francês, que o "Trindade" vai apresentar

O Cantinho dum Cinéfilo

Outra vez o «Cine-Clube».

Do colega «Eu Sei Tudo» chega-me uma carta na qual o leitor «Harold'Os Loios» defende com vontade a criação dum Cine-Clube no Porto, com um optimismo demasiado a encher uma carta de idéas cor-de-rosa, a demonstrar abertamente a influência que sobre elle exerceu o artigo ha tempos publicado em «Cinéfilo» pelo illustre camarada Fernando Frago, artigo que aquele leitor teve a amabilidade e o cuidado de me enviar, sublinhando as muitas passagens desse artigo que estão em desacôrdo com o «Cantinho» que ha alguns números publiquei nesta revista.

Ouçá, Harold'os Loios! O Fernando Frago, que eu não tenho o prazer de conhecer pessoalmente, deve ser um rapaz muito novo, cheinho de projectos lindos a ferverem no seu cérebro de cinéfilo dedicado, muito optimista, sempre pronto a cantarolar o «Sunny Side Up» à primeira contrariedade que lhe appareça, como se as contrariedades reais, palpáveis, pudessem ser dissipadas com cantigas. Mas deve faltar-lhe, suponho, um pouco de prática da Vida, aquella prática que me dão, em certo grau, os meus trinta anos que se aproximam, dos quais os últimos quinze a lidar muito de perto com cinemas, com cinéastas e com cinéfilos. Conheço-os, a todos, muito intimamente. Ao público, então, por dentro e por fóra.

Eu tambem já fui assim, sonhador, visionário. O que me custou saúde, muito dinheiro, muitos sacrificios e até a minha farta cabeleira... De modo que, agora, estou um pouco mais materialão. Optimismo, ainda o tenho. O *keep your smile* tambem é o meu lema. Tambem ando sem chapéu (ta a dizer, «em cabêlo»...), no verão. Mas quando a realidade surge terrível na sua escuridão; quando vejo as contrariedades a tornerem os meus projectos; quando a chuva começa a cair, mesmo em pleno verão, não estou com meias medidas. Fecho a torneira do optimismo, dou um franzia à testa e vou buscar o chapéu.

Ponho-me na defensiva.

E' que os exemplos surgem todos os dias. Ainda ontem, ao escrever a crítica «Dois Corações a Compasso», eu me referi à alegria de viver, à satisfação que aquele filme provoca, satisfação tam grande como a que origina o lindo sol de Maio... que ontem fazia. E inaugurei a estação de verão. Deixei em casa o sobretudo e o chapéu. E saí, sorridente, a trautear:

*Je suis comm'ça
C'est mon caractère!*

Mas, afinal, hoje — estou escrevendo na manhã de quinta-feira, 5 — o tal sol de Maio é o que se está vendo. Chove continuamente desde alta madrugada, e quasi preciso de acen-

der a luz, para escrever. E digo cá com os meus botões: «Olha se eu tinha deitado fóra o chapéu e o sobretudo!»

Mas havia-os guardado. Pus-me na defesa.

Assim tem que ser...



O Cine-Clube, como o camarada Fernando Frago o idealiza, um pouco diferente daquele que eu sonhava e muito desejaria ver realizado, diferente porque elle parece querer vesti-lo mais modestamente — o que se me afigura errado, como mais adiante procurarei demonstrar — será, mesmo assim, de muito difficil realização.

Tem-no sido lá fóra, em meios cinematográficos incomparavelmente superiores a Lisboa, Porto ou Coimbra. Em Paris — em Paris, a que os francezes chamam «a capital da Europa» — não ha mais do que uma dúzia de tais clubes, metade dos quais bastante irregulares nas suas reuniões, muito restritos na sua missão. Apenas «Les Regards» reúne todos os sábados na sala «A Saint Sulpice», o «Phare Tournant», no mesmo dia, no «Studio des Agriculteurs», a «Tribune Libre du Cinéma», quinzenalmente, às quartas-feiras, na sala «Adyar», «La Lanterne Magique», todos os sábados, no «Oeil de Paris», e «Les Amis de Monde», quinzenalmente, na sala «Adyar». Mais importante que estes julgo o «Ciné-Club de Bordeaux et du Sud-Ouest», que se assemelha mais ao que pretendemos para Portugal, visto que tem por missão essencial *la défense et l'illustration du véritable cinéma par tous les moyens directs et indirects, notamment: présentations et galas d'avant-gard et de répertoire, conférences, campagnes de presse, enquêtes, etc.*, e que foi o primeiro a dar a conhecer aos cinéfilos bordelezes filmes como «O último dos homens», «Calligari», «Le Voyage Imaginaire», «Rien que les heures», «La Rue», «Entracte», «Les Nuits de St. Pétersbourg», «Le Chien andalou», etc.

Aquella meia dúzia de aproveitáveis cine-clubes que actualmente existem em Paris não anima grandemente a criação dum clube idêntico em Portugal, porque Paris, pela sua importância como centro cinematográfico, vale à vontade 10 ou 15 vezes mais que qualquer das principais cidades de Portugal. Para estudo das probabilidades ou possibilidades da criação dum cine-clube entre nós, pouco nos deve importar a existência de idênticos clubes estrangeiros. Esta só nos interessa para possíveis acôrds, estreitamento de relações ou permuta de filmes.

Temos, para aquele estudo, que contar com as disponibilidades do nosso meio. Essas é que é preciso analizar.

E' o que procurarei fazer no próximo número, que neste «Cantinho» já não ha lugar. Até à semana!

Seis anos de amizade em Hollywood! Isto parece incrível, quasi absurdo, mas é certo. Seis anos de qualquer coisa é quasi lendário em Hollywood. Seis anos de ininterrupto matrimônio ou de continuo êxito. E não é menos notável uma amizade tam duradoura e que, pelos vistos, se prolongará indefinidamente...

Mas até em Hollywood ocorrem destes casos. Posso contar-lhes um que certamente os vai deixar cheios de assombro. Se alguma vez tiverem ocasião de conhecer Dorothy Jordan, ou Ona Munson, não se admirem se, depois de falarem algum tempo com uma delas, a conversação começar grandando àcerca da outra. Ona e Dorothy ha seis ou mais anos que se conhecem, e nenhuma delas pôde falar sem mencionar imediatamente a outra.

Disse-se que Munson protege Dorothy, mas ambas negam isso. Ona diz que Dot sabe tratar-se por si só e que nada fez em favor da sua amiga que esta não haja feito em favor dela.

Eu fui a casa de Ona Munson com o fim de lhe pedir uma entrevista àcerca dela e o resultado foi fazer uma entrevista que versou sôbre Dorothy Jordan. E não é por Ona não ter coisas interessantes a contar a seu respeito, mas sucede que a pequena acha um grande prazer em elogiar a sua amiguinha.

— Que planos tem para a próxima temporada? — perguntel-lhe.

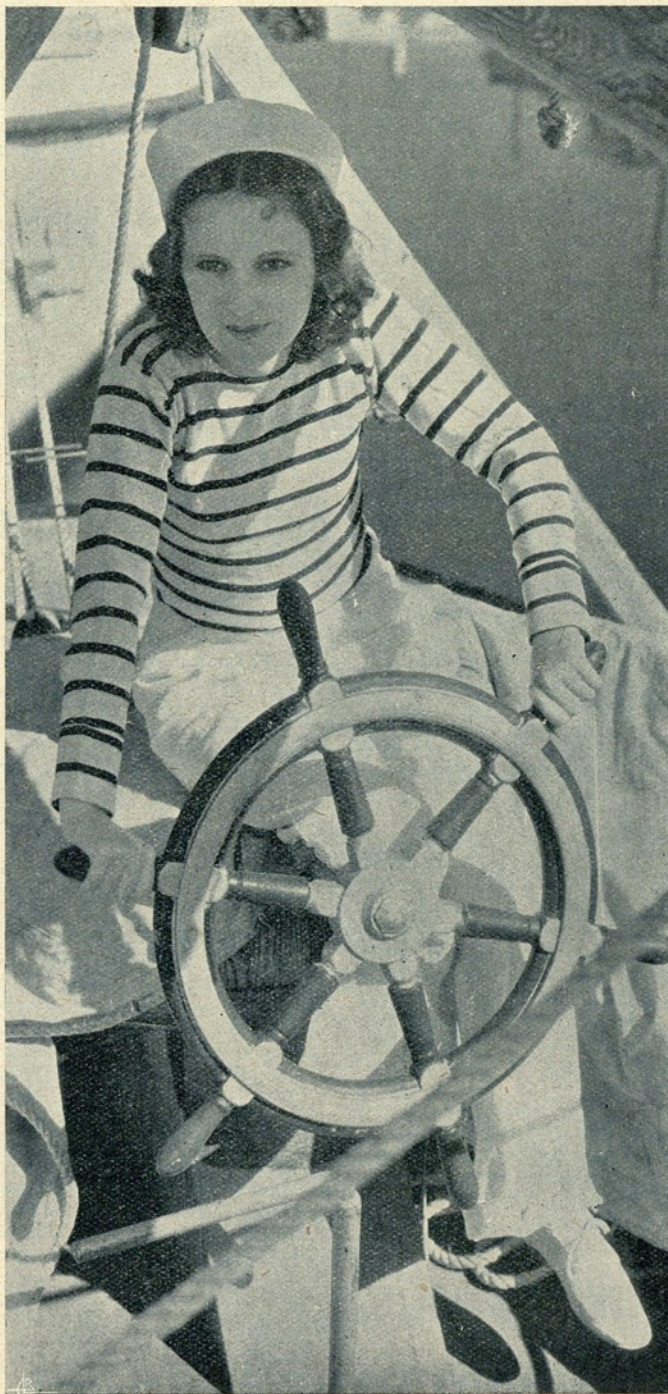
— Volto de novo para o tablado e depois regressarei a Hollywood para fazer películas. Dorothy acha bem que eu divida o meu tempo entre o teatro e o cinema, porque assim conto com dois públicos. Ela também aproveita as férias para fazer rápidos giros pelos teatros. Dot é uma rapariga de muito talento.

C
I
Dorothy». E, como percebi que já não a faria mudar de tema, pedi-lhe que me contasse tudo que sabia da «sua Dorothy».

N
E
M
A
4
— Começemos então pelo princípio. Dot e eu não nos conhecemos em Hollywood, como julgam muitas pessoas, mas nos palcos de Nova-York. Então não existia o cinema sonoro e Dot, que bailava com a *troupe* de Chester Hale, estava satisfeitíssima, porque era a sua primeira oportunidade de importância numa comédia musical em que fazia de principal figura. Dot não era um tipo Broadway, como costumamos

Dorothy Jordan

apreciada por Ona Munson



Dorothy Jordan também se dedica ao desporto náutico

chamar às coristas cem por cento coristas, mas a sua natural quietude, a sua pronúncia do Sul e a sua simplicidade cativaram-me logo e entre cenas aproximávamo-nos uma da outra e falávamos de bagatelas. Dentro em breve éramos já tam íntimas que me falava da sua família e posso afirmar-lhe que me enchia de

inveja quando me falava da mãe e do pai. Dot é de Tennessee e, antes de se consagrar ao teatro, estudara na Universidade da sua terra natal e na American Academy of Dramatic Arts. Mas, a-pesar-de não aparentar mais de treze ou catorze anos, com os seus tacões altos, já tinha quinze, se a memória me não é infiel.

«Tivemos a rara sorte de trabalhar juntas em várias companhias. A's vezes zangava-me com ela, porque me incomodava vê-la tam calada e envergonhada, mas não havia maneira de a educar. Os homens eram para ela um mistério eterno, a gente em geral assustava-a e continuava a chamar-me «Miss Munson», a-pesar-de nos conhecermos havia cinco anos. Não me dei por vencida, contudo, e tomei a resolução de acabar com a sua timidez, visto que tinha por ela uma grande simpatia. Não nego que procurei ser-lhe útil sempre que tinha ocasião para isso e lembro-me de que, durante uma temporada de abatimento moral, a obriguei a continuar as lições de baile e de cultura da voz, que queria deixar, porque, dizia ela, «nunca chegarei a ser nada».

«A sua timidez e retraimento molestavam-me horrivelmente, e para eliminar coisas tam aborrecidas e desnecessárias, concebi o plano de a apresentar às minhas amizades com o fim de a acostumar a tratar com gente. O resultado foi praticamente nulo, pelo que resolvi levá-la a Al Lewis, director da «Fox», com o fim de conseguir que ela fizesse uma prova cinematográfica. Fui visitar Lewis para o preparar, visto que Dot, com a sua timidez, não devia causar boa impressão no meu amigo. Falei-lhe durante hora e meia das boas qualidades da minha amiguinha, sem omitir, claro está, a sua timidez e retraimento. Para o convencer de quanto Dot era melga e bonita, levei-lhe todas as fotografias que pude conseguir dela e Lewis prometeu-me sujeitá-la à desejada prova. Não sei se devido à minha propaganda, se por Dot reconhecer que semelhante ocasião se lhe não apresentaria novamente, o certo é que a rapariga demonstrou uma tal desenvoltura e confiança na prova, que Lewis lhe meteu um contrato no bolso antes de a meter no comboio para Hollywood.

«Dot estava radiante de alegria. Ao sair do comboio em Hollywood, segundo

me contou depois, alugou um andar modesto e afastado do bairro popular.

«Algumas vezes ia ao cinema ou ao teatro com a mãe, que fôra viver com ela e aos domingos de manhã iam ambas passear pelo parque depois de ouvir missa.

«Em Hollywood, porém, não se podem fazer estas coisas logo à primeira. Greta Garbo faz vida retirada, mas depois de se haver tornado famosa. Lembramos ainda da frequência com que ela andava por toda a parte pelo braço de John Gilbert e Mauritz Stiller. E ainda ha quem critique amargamente a sua conduta actual.

«O resultado foi que Dot andou seis meses a caminhar para o estúdio, desesperada e aborrecida por não lhe darem trabalho, embora recebesse semanalmente o ordenado que Lewis lhe estipulára.

«Quando acabou o contrato, resolveu procurar trabalho noutros estúdios e conseguiu logo o que desejava. Mary Pickford distribuiu-lhe o papel de sua irmã em «A Fera Amansada».

«A sorte acompanhou-a desde então, porque nunca mais lhe faltou trabalho. A «Metro» contratou-a por cinco anos, e, para a pôr à prova, fizeram-na trabalhar com Ramon Novarro em «Espada errante». Gostou tanto do seu papel de menina tímida que Ramon pediu aos directores que a deixassem trabalhar de novo com êle. A versão inglesa de «Sevilha dos meus amores» foi o segundo filme que fizeram juntos e «O alegre Madrid» o terceiro. Fez depois «Min and Bill», «A Tailor Made Man» e «Shipmates», e a «Fox» pediu-a emprestada para fazer «Jovens Pecadores». A «Paramount» seguiu-lhe pouco depois e Dot fez uma película com Paul Lukas.

«Sucedeu então que me apresentei de novo em Hollywood, cansada do muito que tinha trabalhado nos palcos, e qual não foi a minha surpresa ao encontrar Dorothy Jordan na estação, com o mais formoso sorriso do mundo nos lábios e tendo nas mãos o mais lindo ramo de cravos que se podia imaginar. Não se tinha modificado. Continuava sendo a rapariguinha tímida e retraída de outrora. Não tinha relações e só tratava com sua mãe e com duas raparigas do estúdio.

«Resolvi apresentá-la de novo aos meus conhecimentos, e o resultado foi vê-la sentar-se sempre num canto afastado quando a levava a uma festa.

«Quando minha mãe veio viver comigo, comecei a receber as pessoas das minhas relações e então as coisas modificaram-se pouco a pouco. Dot parecia mais à vontade, se bem que tentar misturá-la com outros convidados era o mesmo que querer juntar um gato dum mês a um cão-polícia.

«Depois de muito trabalho, consegui que ela saísse de vez em quando com alguns rapazes. Ramon Novarro levou-a ao teatro algumas vezes e o mesmo fizeram William Haines, John Gilbert, Do-

nald Dillaway (de quem se acha um tanto enamorada e justamente correspondida), José Crespo, Jimmie Dunn, Philipp Holmes e Charles Buddy Rogers. Também a apresentei ao magnate do cinema Howard Hughes, que deixou a bellissima Bellie Dove pela minha primorosa amiguinha.

«Dot soube aproveitar-se desta amizade, e, antes que Hughes se apaixonasse muito por ela, voltou-se de novo para o seu querido Donald, o que fez com que Hughes se reunisse outra vez a Billie, se bem que me pareça que os dois estão zangados de novo. Dot não se quer casar por enquanto, mas é indubitável que se encontra enamorada de Donald, porque está sempre a falar nêle.

«Depois do que acabo de lhe dizer, julgo que deve ficar fazendo idéa da qualidade da rapariga que é a minha amiga. Tímida e retraída, sem dúvida, mas cheia de talento. E' persistente e estudiosa e não cessa de trabalhar. Diz



— Allô, allô! Daqui a Annabella!
— Quem?
— A Annabella!
— Ah! Aquela excelente actriz francesa de «O Milhão» e «Em Redor dum Inquerito»? Ora muito prazer em tornar a vê-la!...

que sabe não reunir suficientes qualidades para sêr «estrela», mas tem confiança no futuro e espera realizar uma notável mudança em sua pessoa com o tempo. Não quer continuar a sêr a menina bonita da película, pois sabe que isso nem sempre conduz ao estrelato, méta a que justamente aspira. Quer, no entanto, assegurar o futuro, e como os críticos até agora se não meteram com ela e o público aceita carinhosamente as suas películas, é possível que Dot não encontre de momento muitos quebra-cabeças.

«A confirmar as minhas palavras está o record das películas que Dorothy Jordan já fez. Está demonstrado que a pequena, além de sêr bela, tem talento e se, com o tempo, vier a perder essa enorme timidez que quasi a domina, tenho a certeza de que chegará

Berfis

Annabella

Se ha artistas, e dos melhores, que começaram a carreira cinematográfica como obscuros figurantes, também ha outros mais favorecidos que logo de início occuparam os mais altos lugares. Foi o que succedeu a Annabella.

Aos 17 anos já era «vedeta»... Com efelto, Zette, como se chamava então, nunca tinha filmado quando Abel Gance a escolheu entre cem candidatas para o papel de ingénua do seu filme «Napoleão». Para este grande realizador, a ingénua ideal era a Lillian Gish; encontrou muitas afinidades entre esta grande artista e a rapariguinha que lhe foi apresentada.

Mas a personagem que representava, se correspondia maravilhosamente ao seu fisico, não encontrava um sentido êco na sua natureza vibrante. Depois desta primeira glória, Annabella caiu no esquecimento. Parecia que este ensaio, superior às suas forças, lhe tinha quebrado as asas... Mas não! Annabella estudava e preparava-se para novas produções.

Depois de «Napoleão», Annabella esteve muito tempo afastada do «écran» ou então representava pequenos papeis sem importância.

Um dia, de surpresa, foi o successo maravilhoso!... «O Milhão», um dos formidáveis filmes de René Clair, fez fixar o nome daquela rapariga que se mostrava uma «estrela» de recursos. Sem um desfalecimento, Annabella filmou em França e na Alemanha: «Em redor dum Inquerito» e «Uma noite de rusga» são dois filmes que ultimamente apreciamos nos nossos cinemas.

Durante alguns meses Annabella levou uma vida de trabalho, sem poder dormir descansada nem ter um minuto de sossego.

Annabella contava ultimamente numa roda de amigos que mais de uma vez teve de tomar o comboio, ainda maquiada, para deixar os estúdios da «Ufa» e chegar no mesmo dia a Paris, — onde a esperava um outro realizador!...

Não temos necessidade de fazer o retrato de Annabella: vocês bem sabem que é por excelência o tipo da rapariga moderna, que sabe guiar o seu automovel, e que sabe sorrir duma maneira admirável ao «policeman» que a vai multar por excesso de velocidade... C
I
N

longe, pois não lhe falta vontade de trabalhar... E

Lembrei-me então de novo de que tinha ido vêr Ona Munson com o fim de a entrevistar, pois todos sabem que é actualmente noiva do director Ernst Lubitsch, e eu, curioso como bom jornalista, queria averiguar a data do M
A
5

O que o cinema produziu de melhor no ano de 1931

A Academia das Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood reúne-se anualmente, como os leitores sabem, para conceder entre outros galardões os correspondentes à melhor película, ao melhor argumento original, à melhor adaptação ao cinema de um assunto de novela, ao melhor director, ao melhor actor, à melhor actriz, ao melhor «cameraman» e ao melhor autor de cenários, nos últimos doze meses da produção cinematográfica.

Esta Academia é constituída pela fina-flôr dos cineastas de Hollywood, e dito isto se compreenderá a sensacional importância que as suas recompensas anuais tem para todo o elemento cinematográfico do empório do filme.

Em sessão recente, a Academia concedeu os prémios correspondentes ao ano de 1931. Este acto realiza-se sempre com certa cerimónia, depois de um banquete a que assistem o que ha de mais distinto no mundo cinematográfico e altas personalidades da ciência, da arte e da política que vivem ou trabalham em Hollywood e em todo o estado da califórnia.

Este ano reinava um antecipado ambiente de depressão em torno deste importante acto tradicional. Parecia que a crise económica que afflige o mundo inteiro gravitava sobre o ânimo dos organizadores e habituais assistentes à sensacional cerimónia.

Todavia, chegado o momento da realização, viu-se que o acto se realizava no meio de um esplendor que superou em muito o dos anos anteriores. Isto é muito

casamento para depois anunciar aos leitores.

— Bem, — perguntei-lhe de novo, procurando empregar o meu tom mais convincente —, está satisfeita com o regresso das fitas musicais? Quando vamos ter o prazer de a felicitar pelo seu casamento?

— De facto, estou muito contente com o regresso das fitas musicais, porque tenho boa ocasião de brilhar nelas. Julgo que Dorothy havia de triunfar também nesse género, se o tentasse, porque ela...

Tinha pegado já no chapéu para ir procurar Dorothy Jordan e entrevistá-la acerca de Ona Munson, e retrefrei-me sem aguardar resposta à minha segunda pergunta.

Acabam de dizer-me que Ona e Ernst se zangaram, mas a verdade é que ela fez uma viagem especial a Nova-York a fim de transmitir as felicitações recebidas no dia da estreia de «Remorso», película que Ernst Lubitsch tinha dirigido com grande êxito, e Ona quis sêr a primeira pessoa a felicitá-lo e a comunicar a Ernst que havia em Hollywood muitas felicitações recebidas.

De qualquer forma, Dorothy Jordan ha-de dizer-me o que ha de verdade.

significativo. Aonde está então a tam falada crise da industria cinematográfica?

Na festa celebrada este ano pela «Academia das Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood» confirma-se esta nossa opinião. Duas mil pessoas assistiram à festa, e entre elas figurava o vice-presidente dos Estados Unidos, Mr. Charles Curtis, que presidiu ao banquete, e o governador do estado da Califórnia, Mr. James Ralph. As estatuetas que se distribuem como prémios e que sempre foram de bronze, eram este ano de ouro, e a rádio transmitiu a todo o norte da América, segundo a segundo, detalhe a detalhe, todo o processo do soléne acto.

Como dissemos, à parte os prémios mencionados, distribuem-se muitos outros, com o fim de que nenhuma actividade cinematográfica fique sem recompensa e estímulo, e é indubitável que isto tem contribuido em grande parte para imprimir à arte e à técnica do cinema essa perfeição e êsse encanto que o converteu no espectáculo mundial por excelência.

Fez-se um silêncio soléne quando um dos organizadores da cerimónia, depois dos discursos do estilo, se levantou para dizer que ia começar a distribuição dos prémios. Previamente os membros da Academia tinham eleito os cinco melhores de cada grupo, de modo que antes do banquete se conheciam já os triunfadores nesta primeira selecção.

As cinco actrizes que concorriam ao prémio eram: Marie Dressler, Norma Shearer, Marlene Dietrich, Irene Dunne e Ann Harding.

Os cinco actores: Adolphe Menjou, Richard Dix, Lionel Barrymore, o pequeno Jackie Cooper e Frederick March.

Os melhores directores: Sternberg, Milestone, Taurog, Ruggles e Clarence Brown.

As melhores películas: «Skippy», da «Paramount»; «A primeira página», dos «Artistas Associados»; «Cimarron», da «R. K. O.»; «Trader Horn», da «M-G-M»; e «Vidas truncadas», da «Fox».

Uma segunda votação dos membros da Academia havia elegido já o melhor de cada grupo e os nomes dos vencedores guardavam-se em sobrescritos fechados, que seriam entregues aos triunfadores do ano anterior para que os abrissem e lessem o nome ou o título premiado.

Ficaram para o final os prémios mais sensacionais e a emoção aparecia em todos os rostos quando se abriu o envelope que continha o título da melhor película do ano.

Uma voz trémula leu «Cimarron» e uma ovação calorosa acolheu o título dessa maravilha realizada pela «R. K. O.» e dirigida por Westey Ruggles.

Procedeu-se em seguida à leitura do nome premiado pelo melhor argumento original, que foi John Monk Saunders no assunto de «A Patrulha da Alvorada».

Em seguida pronunciou-se o nome de Howard Estabrook e do filme «Cimarron» para o prémio da melhor adaptação de uma novela ao cinema e tanto o autor do argumento de «A Patrulha da Alvo-

rada» como o adaptador de «Cimarron» receberam, emocionados, as estatuetas de ouro e tiveram de corresponder a uma chuva de felicitações e aplausos.

Floyd Crosby foi eleito o melhor «cameraman» por esse prodígio de fotografia que havemos de admirar em «Tabú», e outra vez se ouviu o título de «Cimarron» vindo do nome de Max Ree para o prémio dos melhores cenários.

O triunfo pela impressão sonora de películas foi concedido à «Paramount», e imediatamente se annunciou o número sensacional do programa; iam ser proclamados o melhor director, o melhor actor e a melhor actriz.

Um silêncio tam profundo que deixou ouvir o rasgar do envelope e foi pronunciado o nome de Norman Taurog, realizador de «Skippy».

Estalou uma ovação sincera e fervorosa. Taurog levou a fim um trabalho sem precedentes para concluir essa obra de infinita ternura. Para trabalhar com os pequenos actores levou-os para um lugar afastado de Hollywood, e ali, dia a dia, com heróica paciência, fê-los repetir centenas de vezes as cenas que haviam de formar o delicioso conjunto do filme.

Havia-se levantado George Arliss, o actor premiado no ano passado, e voltado a fazer-se um silêncio profundo. Ia-se pronunciar o nome do melhor actor do ano e todos os olhares se concentravam no grupo de cinco que haviam obtido a vitória na selecção prévia, os quais, junto às cinco melhores actrizes, ocupavam a mesa presidencial. «¡Lionel Barrymore!», exclamou Arliss, e o veterano actor foi aclamado quando recebeu a estatueta de ouro.

Ao mesmo tempo, o pequeno Jackie Cooper foi o alvo de muitos olhares. Havia a crença de que o criador de Skippy conquistaria o prémio, — e parece que tambem êle assim pensava, — a julgar pela tristeza que reflectiram os seus olhos quando se fixaram no actor premiado.

A película em que Lionel Barrymore se mostrou o melhor artista do ano foi «Uma alma livre».

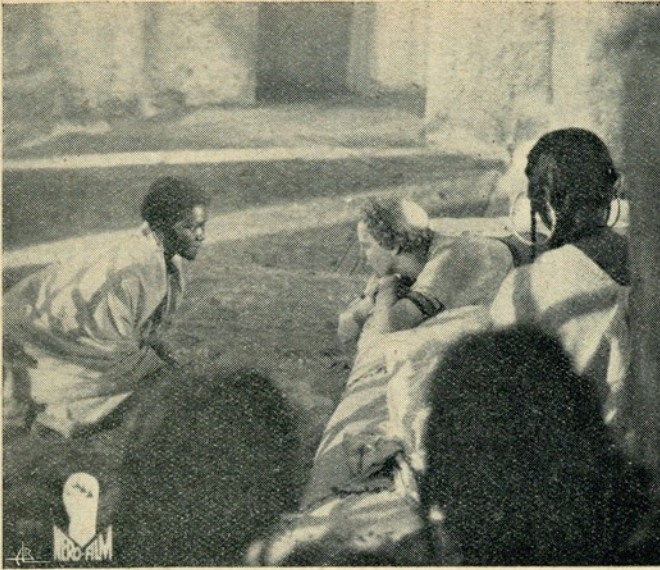
Só faltava a proclamação da melhor actriz. Norma Shearer, a vencedora do ano anterior, estava de pé e tinha na mão o «envelope da fortuna». Abriu o e leu silenciosamente o nome. Depois começou a dizer:

— O prémio correspondeu à illustre veterana do cinema... »

E antes que tivesse tempo de pronunciar o nome, todos os assistentes se puseram de pé para aclamar a Maria Dressler, que chorava de emoção quando recebeu de Norma Shearer um abraço e a estatueta de ouro.

Acaso foi esta a homenagem mais entusiasta e prolongada da noite. E' que os aplausos e os vivas iam dirigidos não só a actriz premiada pela sua criação em «Minn and Bill», como também ao trabalho insuperável e genial de toda a sua vida artística.

E com isto terminou a brilhante festa que êste ano serviu não só para premiar méritos adquiridos nos diferentes aspectos da ciência e da arte cinematográficas, mas também para provar ao mundo que o cinema continua a sua magnífica ascensão, que começou no dia em que, pela primeira vez, se conseguiu fotografar o movimento e translada-lo para uma panelha.



Duas cenas de "Atlantida", com Brigitte Helm e Pierre Blanchar, que G. W. Pabst dirigiu para a "Nero-Film", e que a Agência H. da Costa, Lda. distribuirá entre nós. (Fotos "Nero-Film").

A «Ufa» vai produzir um novo filme policial, que levará o título «A dama dos diamantes», sob a direcção de Alfred Zeisler. Um dos intérpretes será Peter Lorre, o protagonista de «Matou».

O filme «Atlantida», que G. W. Pabst acaba de dirigir para a «Nero», tirado do romance de Pierre Benoit, será estreado em Paris no «Miracles», em sessão de gala, à qual assistirão o autor, o realizador e os principais intérpretes, Brigitte Helm, Florelle, Pierre Blanchar e Jean Angelo.

O cinema russo na América

Segundo comunicação da "Amkino", a casa que distribui na América a produção russa, ha actualmente mais de 100 cinemas em todo o território americano que exibem regularmente as produções soviéticas.

Fundou-se recentemente em França uma nova empresa produtora, «Compagnie Continentale Cinématographique». O seu primeiro filme será «Ce Cochon de Morin», de Guy de Maupassant, que no cinema silencioso foi interpretado por Nicolas Rimsky.

Maurice Chevalier vem passar as férias à Europa

Logo que termine "Love Me Tonight", que Rouben Mamoulian está dirigindo, ou seja, dentro de umas 5 ou 6 semanas, Maurice Chevalier virá à Europa, devendo passar as férias na sua propriedade de Cannes.

"Love Me Tonight" será feita apenas em versão inglesa.

O Dr. Arnold Fanck, o notável produtor e fotógrafo alemão de filmes passados na neve, que se encontra na América contratado pela «Universal», vai partir

Dentro e Fora dos Estúdios

para a Groenlandia, numa expedição que filmará para aquela casa uma película provisoriamente intitulada «Iceberg».

Evelyn Brent foi acrescentada ao elenco da fita «Criminal Court», que a «Columbia» está produzindo, com Edmund Lowe e Constance Cummings como principais interpretes.

No dia 18 de Abril chegaram a Nova-York, idos da Europa, o realizador Fred Niblo, Richard Berthelme e esposa e a actriz russa Anna Sten, que está contratada por Samuel Goldwyn.

Greta Garbo não vem tam cedo à Europa

Greta Garbo acaba de receber dos serviços de emigração a ampliação por mais seis meses, da licença de residência nos Estados-Unidos, que devia acabar em Maio corrente. Desta forma, Greta Garbo continuará na América pelo menos por mais 6 meses, não parecendo, pois, provável, que ela regressse à Suécia em Junho próximo, como alguma imprensa noticiou.

Kate de Nagy, a linda actriz alemã que vimos em «A Loucura do Monte-Carlo» e «A Princesa Encantadora», e que veremos brevemente em «Um homem feliz», está interpretando um novo filme para a «Ufa», sob a direcção de Reinhold Schuenzel, produção Guenther Stapenhorst: «Das schoene Abenteuer» («A Linda Aventura»), dos escritores franceses Flers, Cavallet e Etienne Rey.

Correram há dias boatos em Hollywood, duma possível fusão «M-G-M» e «United Artists». O motivo de tais boatos foi o facto de a «United Artists» ter pedido emprestada Joan Crawford à «M-G-M», para interpretar a fita «Rain»,

numa combinação pela qual a «M-G-M» teria lucros na exploração daquela película. Lewis Milestone, o famoso realizador de «A Oeste, Nada de Novo», dirigirá «Rain».

Na ocasião em que fôr pôsto à venda este numero, deve ter chegado a Hollywood Douglas Fairbanks, de regresso dos Mares do Sul, onde filmou «Robinson Crusóe dos Mares do Sul».

René Pujol e Léon Mathot estão preparando o cenário do próximo filme de George Milton para «G. F. F. A.».

Florelle, a actriz francesa que vimos em «Traição», interpreta para a «Paramount», em França, a fita «Passionnement», que Louis Mercanton está realizando.

A próxima fita de Ronald Colman para Samuel Goldwyn já não será «Irmãos Karamazov», mas sim «Way of the Lancer. Aquela será produzida mais tarde.

Nos estúdios «Eclair», em Epinay, Gaston Roudès começou já a filmagem de «O Garoto de Paris», para o «Consortium Cinematographique Français».

A «Paramount» não fará mais versões alemãs nos estúdios de França

Um jornal alemão anuncia que a "Paramount" desistiu de continuar fazendo versões alemãs dos seus filmes nos estúdios de St. Maurice. Essas versões, segundo o referido jornal, passarão a ser feitas em Berlim, ficando aqueles estúdios a produzir quasi exclusivamente as versões francesas.

Charles Bickford, o protagonista de «Anna Christie», com Greta Garbo e «Dynamite», com Kay Johnson, acaba de ser contratado por cinco anos pela «Universal».



dor por palavras. Conservava junto dele um mutismo surpreendente, o que lhe atraía da parte dos actores sarcasmos e gracejos. Todos zombavam de Jacques por um acto de dedicação sem nenhum resultado.

Bem podia elle fazer boa cara a M.^{lle} Nicolai, dirigir-lhe sorrisos e cumprimentos; ela parecia não lhe ligar a minima atenção. E aquillo incomodava-o. No entanto, o olhar dela brilhava ao poisar em Jacques Largy: o mutis-

o primeiro, que apenas continha estas palavras: «Negócio falhado» aumentou ainda mais os seus receios. Daquella vez Florence jurou saber a verdade. Aproximou-se do mancebo e, por meio de mil gentilezas, conseguiu arrancar-lhe a confissão.

— Que se passa? Tens obrigação de me dizer a verdade.

— Para quê? — respondeu Jacques; — iria afiligr-te, como já o estou.

— Mas que se passa?



PARTIR

Produção «Pathé-Natan». Realização de Maurice Tourneur. Programa da Ag. H. da Costa, Lda.

PRINCIPAIS INTERPRETES

Simone Cerdan	Florence
Ginette d'Yd	Odette
Gaby Bassel	Carmen
Jean Marchat	Jacques Largy
Fichel	Prater
Prince	O empresário

Na véspera da partida para uma *tour-née* na Indo-China, o director dum grupo de artistas líricos recebeu uma noticia que o deixou assombrado. Acabava de morrer o seu primeiro tenor. Aos lábios do homem acudiu uma exclamação que era uma praga, o que estava, aliás, nos seus hábitos. Depois, fitou os actores que o rodeavam com olhar desvalrado; o telegrama tremia-lhe nas mãos.

Florence, a primeira cantora, que estava presente, com o seu amiguinho Jacques, aproximou-se dele para o consolar.

De repente, o director exclamou:

— Mas dize lá, o teu amigo tem uma linda voz?

— De-certo, — afirmou a mulher.

— Muito bem. Nesse caso, talvez que pudesse substituir o outro. Que dizes?

— Que sim, — insistiu a mulher com um sorriso adorável.

— E tu que dizes, pequeno? — acrescentou o director, dirigindo-se a Jacques.

— Oh! seria para mim uma grande alegria! — respondeu o mancebo. — O meu maior desejo é conservar-me ao lado de Florence.

— Nesse caso, — concluiu o director, — embarcarás com o grupo.

E foi assim que Jacques acompanhou a linda Florence no paquete *Athos*, que conduzia o grupo à Indo-China. O pes-

soal estava agora completo, e actores e actrizes faziam grande algazarra no navio. Aquilo era uma diversão para os passageiros.

Entre elles, encontrava-se o sr. Garrot, opulento corretor de fundos em Shangai, que testemunhou logo a Florence um particular interesse. Não se podia resistir à alegria da jovem, ao seu riso enfeitador. Era o que confundia Garrot ao seu associado, um certo Prater, verdadeiro tipo do aventureiro cosmopolita.

Jacques Largy estava profundamente apaixonado por Florence e esta prestava-se de bom grado à ardente admiração do mancebo. Mas, ao terceiro dia de viagem, um cabograma veio interromper brutalmente aquella alegria. Um amigo de França enviava, por sem-fios, um despacho a Jacques, contendo estas palavras: «Tem cuidado!»

A partir daquele momento, Jacques mudou de humor. Ele, que tam agradável achava essa longa travessia, tinha agora pressa de chegar a Djibuti para aguardar a primeira escala. Queria encontrar-se em Djibuti para fugir. Conseguiria ter forças para abandonar assim, e para sempre, a sua querida Florence? Certamente que não, pois consagrava um amor enorme à jovem mulher sorridente, a essa ave estouvada talvez mas de plumagem estonteante.

Quando chegaram a Djibuti havia mudado de opinião. Decididamente, não podia abandonar Florence. E, depois, tinha ainda outra preocupação: salvara uma rica passageira do *Athos*, M.^{lle} Odette Nicolai, à qual marinheiros estrangeiros, numa abordagem, tinham cobardemente assaltado. E, coisa curiosa, esta não se mostrava agradecida ao seu salva-



mo da donzela ocultava uma grande desordem interior. Dera-se tambem a amar o mancebo. Porque, sob aparências frias, tinha uma alma terna e capaz de amar.

Jacques, porem, vivia numa angústia. Dava a impressão de que esperava uma desgraça iminente, inevitável.

Um novo telegrama, tam lacónico como

— Estou perdido! — afirmou elle.

— Que queres dizer isso? Porque estás perdido?

— Já que assim o queres, vou dizer-te tudo. Sabes que minha mãe e eu tínhamos conservado alguma fortuna; era o indispensavel para minha velha mãe viver. Ela confiara todos os haveres a um

irmão, meu tio. Mas este, que era jogador, e homem sem escrúpulos, pôs-se a especular com as pobres importâncias que lhe tínhamos confiado. Para mim, aquillo nada significava. Mas, para a mamã era outra coisa, e um dia tive a este respeito uma discussão com elle. Se tivesse diante de mim um homem sincero, disposto a dizer a verdade, tê-lo-ia ouvido sem me exaltar; mas êle mentia, mentia vergonhosamente. Então perdi a cabeça, puxei dum revolver e abatí-o como um cão. Nada resolvi com isso, porque essa morte arrastou a de minha pobre mamã.

Aquella confissão fôra feita diante de Florence e do director da *troupe*, a qual exclamou, aproximando-se de Jacques:

— Tens de fugir, meu amigo, e o mais depressa possível. Não tens outra coisa a fazer.

Jacques, já enervado pela confissão, levou as mãos à cabeça e pôs-se a chorar.

— Não posso, — disse —; não tenho coragem; amo tanto Florence que me não atrevo a abandoná-la.

— Encontrará mais tarde a sua Florence, — disse-lhe o director com solenidade.

Na próxima escala, devia embarcar num paquete holandês, e tudo estava preparado para isso. Mas Prater velava. Não queria perder a sua aposta com Garrot, o corretor, e, aproximando-se de Jacques, disse-lhe:

— Faz mal em partir, porque alguém irá tomar o seu lugar: é o velho Garrot, o cambista de Shangai.

Jacques recebera aquella confidência quando embarcava no paquete holandês. Voltou para o *Athos*. Ali encontrou Florence instalada em primeira classe, por intervenção de Garrot. Teve com ela uma explicação tumultuosa, e foi nesse momento que Odette Nicolai interveio para conquistar o coração de Jacques. Mas o amor por Florence era o mais forte. E então produziu-se o inevitável. O comis-

sário de bordo recebeu pelo rádio ordem de mandar prender Jacques Largy; este, prevenido a tempo, e preferindo a morte à deshonra, atirou-se ao mar.

Apanharam depois um cadaver.

O reaparcimento de Pola Negri

A apresentação de novos filmes em Broadway não tem nada da pompa e da solenidade que caracteriza as «premières» de Hollywood.

Hollywood, cidade-fábrica do cinema, que deve a sua existência à glorificação da película mágica, é obrigada a festejar quotidianamente, por sinceridade efectiva ou por causa da publicidade, os artistas da indústria que a tornou famosa.

New-York anuncia as suas «premières» pelos jornais. Os anúncios luminosos e os reclamistas de cada teatro fazem o resto. E os críticos da imprensa, — porque os niorquinos leem os críticos... —, decidem se o filme é bom ou não...

A despeito da sua aparência inofensiva, este hábito tam simples e desconcertante consegue levar por semana uma média de quatro milhões de pessoas diante do seu «écran» favorito.

As vezes, por ocasião dum acontecimento sensacional, o caso muda de figura e toda a gente anda numa barafunda tremenda... Nestes dias, — New-York sabe viver... —, collocam-se na Broadway todos os acessórios necessários para o successo dos «ballyhoos» californianos.

Nada falta... O cinema, violentamente iluminado, oferece um espectáculo gratuito aos curiosos que estão encostados ao longo da fachada. A multidão comprime-se, e a policia a cavalo, hipnotizada por esta ondulante mistura, ajuda

a engrossar o ajuntamento... Os relâmpagos de magnésio, produzidos pelos fotógrafos dos jornais, eram inúteis nesta noite que parecia dia claro...

As grandes personagens vão chegando... «Estrêlas» do teatro e do cinema, figuras mundanas, políticos, nobres das finanças, reis da indústria...

Antes de entrarem na sala do espectáculo, estas celebridades aproximam-se de um microfone e dizem palavras amáveis que serão ouvidas em todas as cidades do mundo... A câmara cinematográfica também por vezes regista algumas cenas mais curiosas...

Tal foi a recepção feita a Pola Negri no «Mayfair».

Pola Negri continua a ser aquela cintilante e encantadora criatura que vocês conhecem. Veste-se admiravelmente... A sua recente doença, que durante dois meses pôs em perigo a sua vida, deu-lhe uma palidez que põe em evidência os seus cabelos negros.

No «Mayfair», Pola Negri foi apresen-



tada perante o auditório por Jimmy Walker, o popular «maire» de New-York.

Foi um belo encorajamento para o tempo que vai, de novo, consagrar ao cinema. O filme para o qual Pola Negri faz a sua reaparição em público é do género histórico. Baseado sobre acontecimentos em virtude dos quais um reisito balcânico perde o seu cetro e a sua vida, «A Woman Commands» é um filme de uma rara elegância pelos «rolees» e pelos «négligés» faustosos de Pola Negri. Do princípio ao fim da produção a «estrêla» aumenta de entusiasmo, de paixão, de exuberância e de alegria. Este filme serve para fazer reviver o talento de Pola Negri, que trabalha, canta, chora e faz eclodir um pouco de realidade em «décors» que parecem criados pela magnificência dum Ernst Lubitsch.

Pola Negri, que fala correctamente o francês, o inglês, o polaco, o russo, o alemão e o italiano, confessou recentemente a um jornalista que estava a escrever as suas memórias, que serão publicadas sob o título de «A minha confissão», dentro de dois ou três anos. Parece que nesta ocasião será a retirada definitiva da elegante «estrêla».

M. E.

Uma idéa aproveitável?

Se eu fôsse realizador...

Esta noite tive um sonho optimista, — um destes sonhos que ape-tece ter tódas as noites... Julguei-me um realizador de talento, — um realizador de carne e osso, autêntico, — e tinha ideias interessantes e definitivas sôbre o problema do cinema sonoro português...

Talvez não tivesse dinheiro... Mas boas intenções e vontade de trabalhar não faltavam no meu sonho desta noite...

* * *

Não me acordem que estou a sonhar... «Passa de largo, óh pagão...»

O meu filme era um documentário português, profundamente nacionalista e cheio de colorido e de movimento...

Um documentário sonoro... Estou a rever a imagem inicial... Um «gros-plan» onde se lia uma inscrição, — uma quadra ingénua e pitoresca, — parada num sino da igreja da minha terra... O sino tocava uma melodia harmoniosa e vibrante... Um «travelling», — e o campanário começava a aparecer em tódá a sua magnitude...

...Cá em baixo, no adro da igreja, as moçoilas dançavam ao som de uma música de aldeia, — uma dessas pitorescas músicas de aldeia... Era um arraial minhoto com tódá a policromia berrante e a garidice dos vestidos «à vianesa»...

Gaitas de foles... Uma procissão que passa... Fôgo de artificio... Uma outra música, — outra toada, outro sentimentalismo... Braga, a cidade dos arcebispos... O rei David baila ante a arca santa... Os festejos do S. João...

E o filme prolonga-se, mostra aspectos interessantes da nossa terra, de usos, de costumes, — todo o «folklore» português...

Estamos na região da beira-mar... Aveiro... Que coisas interessantes se podiam fazer com a cenografia tam rica e tam variada desta cidade!... A ria, os barcos, as tricanas!... Danças, descantes, — alegria e mocidade!...

Ribatejo... A vida ao ar livre, os «montes», os toiros, as manadas, as «terras»... Aproveitava as cenas iniciais da «Severa», tam ricas de movimento, tam justas de marcação, — verdadeiramente impossíveis de suplantar...

* * *

Era bonito, era um lindo filme!... A fazer a transição destes quadros, — separação puramente étnica —, uma musicazinha bem portuguesa, tipicamente portuguesa, — que o Frederico de Freitas se encarregaria de escrever...

Era assim o meu filme; um documentário sonoro sôbre o «folklore» português, — mas sômente aproveitando o que de mais típico ainda nos resta...

* * *

Ah!... Se eu fôsse realizador!

JOÃO SANTOS.

Efemérides da semana

De 7 a 13 de Maio

Maio 7 (1931) — Chegam a Paris Norma Shearer com seu marido Irving Thalberg e Joan Crawford com seu marido Douglas Fairbanks Jr.

8 (1918) — Aparece o primeiro número do jornal americano «Film Daily».

10 (1890) — Nasce em Clinton, Massachusets, o realizador americano Clarence Brown.

13 (1919) — Estrela-se no «Central», de Lisboa, a fita «Frou-Frou», tirada da obra de Melhac e Halevy, com Francesca Bertini e Gustavo Serena.

Jeanette MacDonald não acredita nas paixões



A quem pedir uma opinião sobre o amor senão a Jeanette MacDonald, a encantadora princesa de «A Parada do Amor», a heroína romântica de histórias tam sensacionais como imaginárias, tanto no «écran» como na vida privada? Como esquecer os seus olhos verdes, os seus cabelos fulvos que

põem em evidência a palidez leitosa do seu adorável rosto, a escultura perfeita das suas pernas que endoidecem respeitáveis ministros da corte, a sua voz tam fresca, modulando com uma arte encantadora a conhecida «Marcha dos Granadelros», que todos nós cremos ainda ouvir?

A heroína desta absurda e desagradável história que, no ano passado, tinha feito crer aos seus admiradores que ficára irremediavelmente desfigurada pela esposa ofendida de um príncipe europeu, será, na vida privada, tam romântica como nos fazem crer os seus agentes de publicidade? Mais de uma vez tinha corrido o boato do seu casamento com Roberto Ritchie, mas Jeanette tinha desmentido a notícia, respondendo aos indiscretos que estava simplesmente noiva e que no seu entender o noivado era um oasis ideal na vida. «Porque, — dizia ela —, o homem mostra-se chelo de atenções para a sua prometida, procura conquista-la, e a mulher guarda uma ilusão de liberdade muito agradável.» Não se encontrava em Jeanette esta impaciência amorosa que une os pares ordinários. Com um nada de perversidade, tinha-se instalado neste estado transitório como se elle fôsse já definitivo, — e a toda a gente falava das vantagens com uma precisão desconcertante e uma objectividade de advogado.

— «Porque falam no meu casamento com Roberto? — perguntava ella com a maravilhosa inocência dos seus olhos côr do mar. O casamento só tem um fim: permitir a dois seres viverem legalmente juntos. Ora, como Roberto trabalha em Nova-York e eu em Hollywood, é materialmente impossível. Por consequência, esta legalidade não serviria para tornar mais completa a nossa felicidade...»

E depois, eu não acredito nas grandes paixões!... Como posso garantir a duração dum sentimento? Tam imponderável, tam frágil que está à mercê dum gesto brutal ou duma palavra mal-entendida, — qual é o ser consciente que pode afirmar que elle durará toda a vida? E' verdadeiramente uma infantillidade em que só acreditam os jovens românticos... Recordo-me ainda da primeira paixão que soíri, no começo da minha carreira, quando cantava em Nova-York. Paixão devorante, que eu dramatizava ingenuamente e que, no meu pensamento, duraria até à morte. Somente, o objecto da minha chama foi inconsciente e abandonou-me para correr em busca de outras aventuras... O meu coração sofreu muito, julguei ficar com a minha vida definitivamente estragada e pensel seriamente no suicídio. Felizmente que uma das minhas compa-

quette», olhava-o com certa intensão e não tardou muito que não flirteasse com elle... E a verdade é que foi necessário pouco tempo para me esquecer do outro!... Depois disto, comprendi que o amor era um sentimento delicioso, mas fugitivo...»

Vejam como Jeanette MacDonald, a «partenaire» de Maurice Chevalier em «Uma hora contigo», fala de amor com um cepticismo sorridente de velho filósofo!... O amor não é para ella senão um passatempo, uma distração, um sentimento que muda de destino segundo os caprichos e a hora... Mas Jeanette continua:

— «Admittindo que a mulher se resigna ao casamento, penso que é indispensável que conheça durante muito tempo a pessoa que quer desposar. Os homens mudam por completo quando se casam!... E' necessário procurar descobrir todos os seus defeitos antes, para saber se os poderemos suportar depois... Além disso, o que num é um defeito, é qualidade noutro...»

Adoro flirtear... Como me poderei opor a que o meu noivo faça outro tanto? E' claro que isto não impede de lhe

dedicar uma ternura profunda e de o amar, de o amar completamente. Tenho necessidade da sua presença perto de mim para ter confiança na vida, tenho necessidade dos seus encorajamentos, da sua aprovação, da sua admiração, da sua protecção...»

Jeanette compreende o amor de uma maneira talvez mais verdadeira, mais moderna, que esse velho ideal romântico que debastou a nossa juventude...



Jeanette MacDonald e Reginald Denny, em «O Amor entra pela Janela»

que as suas graças não necessitam de tradução.

* * *

Maxwell Anderson, conhecido dramaturgo e argumentista norte americano, fará a adaptação dramática de «O carrusel de Washington», e encontra-se actualmente em Hollywood contratado pela «Columbia». Eugene P. Thachray dará ao argumento o necessário sentido cinegráfico.

* * *

Eddie Buzzell foi conhecido até agora pela agudeza das suas «Fábulas pela Radio para adultos», comédias de uma bo-

nheiras, vindo o marasmo affetivo em que estava, veio muito habilmente em meu socôrro fazendo-me notar um jóvem actor que morria de amores por mim sem ousar dizer uma única palavra... Naturalmente, eu era muito mulher para não ser «flattée»... Tornei-me «co-

Noticias breves

A actividade da «Columbia»

Segundo nos informa o Sr. F. C. Tawayo em noticiário exclusivo para a nossa revista, a «Columbia» propõe-se distribuir, alem das suas próprias produções, as dos artistas e directores de nome que possa obter no mercado. De acordo com este plano, acaba de fechar contrato para distribuição da próxima película dos populares cómicos Wheeler e Woolsey, ao mesmo tempo que obteve opção sobre as suas próximas produções. Estes dois cómicos, conhecidos nos Estados Unidos por «os loucos da alegria», são universalmente populares por-

C
I
N
E
M
A

A

blina das quais é autor, director e actor. A «Columbia» escolheu-o para dirigir «The Big Timer», o seu primeiro empreendimento de grande metragem, e tam bem se saiu que esta companhia lhe assinou um contrato por um longo praso.

* * *

Depois do êxito de «Amor Proibido» em Nova-York e Londres, a «Columbia» de novo obtem outro triunfo com «Amor Manchado», outra película de Barbara Stanwyck, cuja «primière» teve efeito simultaneamente no dia primeiro de Abril no «Paramount» de Nova-York e no «Paramount» de Brooklyn.

Barbara Stanwyck e Regis Toomey são os protagonistas, sendo secundados por um brilhante grupo de actores, de que fazem parte Zasu Pitts, Robert Alden, Albert Conti e Edwin Maxwell.

* * *

Edmund Lowe e Cummings farão as principais personagens de «Criminal Court», cuja direcção está a cargo de Irving Cummings, um notável director que a «Columbia» agregou ao número das suas novas e importantes aquisições.

* * *

Para corresponder aos pedidos dos exhibidores, a «Columbia» viu-se na necessidade de publicar um suplemento especial do seu órgão «The Showman», dedicado exclusivamente à actividade e desenvolvimento do «Buck Jones Rangers Club», ou seja uma associação de batedores vaqueiros, algo semelhante aos «Boy Scouts», que cativou a imaginação dos miudos e se fez credora da simpatia e apoio dos chefes de familia.

A festa do Menezes

Vocês conhecem o Menezes! Quem é que não conhece o estimado bilheteiro do «Trindade»? Quem é que nunca lhe telefonou, a mandar reservar um bilhete, ou lhe pediu para arranjar um «lugarzinho melhor»?

Pois o nosso amigo Diogo Rangel Menezes, o «Menezes», «tout court», dá todos os anos a sua festa, que reúne no «Trindade» tudo quanto há de mais escolhido na sociedade portuense.

A festa d'êste ano é na próxima quinta-feira, 12 do corrente, com um magnifico programa, de que faz parte o excelente filme francês «Partir», com as lindas Simone Cerdan e Jeanette d'Yd, e o conhecido cómico Prince (Salustiano).

Os leitores de «Cinema» vão reunir-se no «Trindade», na próxima quinta-feira. Mas alguns milhares ficarão sem bilhete!

Pelos nossos Cinemas

LUZES DE BUENOS-AYRES (Luzes de Buenos-Ayres): — O sr. Robert Kane, director da produção dos estúdios da «Paramount» em França, precisava dum puxão de orelhas, por consentir que sob aquela marca célebre e justamente orgulhosa se produzam filmes que estão muito longe de lhe aumentar o prestígio, antes hão de fazer córar de vergonha o sr. Zukor, o sr. Lasky e o sr. Schulberg, todos os «executivos» e todo o pessoal técnico lá dos estúdios de Hollywood ou de Long Island.

«Luzes de Buenos-Ayres» é, técnica-mente, da mesma força de «A Mulher que ri», «A Canção do Berço», «Homicídio», e de outros trabalhos que os estúdios de St. Maurice, na ânsia de produzirem películas em línguas estrangeiras, teem atirado em série (mas já não atiram mais, me parece, porque a gente de Nova-York tomou decisões enérgicas quanto à produção em França) para os mercados internacionais.

Na descrição filmica de «Luzes de Buenos-Ayres» verifica-se que, do argu-



mento assente em motivos de grande banalidade, não houve a preocupação de escrever um cenário que aproveitasse as possíveis qualidades do entrecho, continuando-as, salientando-as cinegráficamente, um cenário que fosse preparado por *continuity writers* como Jules Furthman, como Vajda, como Frances Marion, como Benjamim Glazer, como muitos dos que trabalham na América especializados nesta difícil e importantíssima parcela de produção cinegráfica. Seguiu-se a história como o autor a concebeu, — e não concebeu grande coisa — esquecendo-se o sr. Adelqui Millar, que realizou o filme, de que a maneira de fazer películas é agora muito diferente da de ha 3 lustros. E filmes da categoria técnica de «Luzes de Buenos-Ayres», como silenciosos, é claro, já em Portugal se fizeram ha uma boa duzia de anos, como já se fizeram no Brasil, como, de-certo, se fizeram tambem na Argentina.

Fazer maus filmes é facilimo. Fazer um bom filme é muito difícil. Não é uma coisa que se fabrique em série, nem se póde, ao produzir uma película, tentar bater *records*, sejam os da máxima velocidade ou do mínimo de despesa. E sempre que se pretenda produzir uma fita estabelecendo-se limites de tempo e de dinheiro, esse filme tem sempre que sair defeituoso, pobre, desigual — isto

partindo do princípio de que os vários elementos da produção tinham talento para fazer boas colsas, o que não me parece ser o caso de «Luzes de Buenos-Ayres»...

Este filme limita-se a apresentar alguns costumes argentinos com um pouco do seu *folk-lore*, que se ouviria com agrado se isso fosse um simples atributo da película, se, dum entrecho bem conduzido, cinegráficamente movimentado, surgisse, acessóriamente, um tango ou uma qualquer canção argentina. Mas dá-se precisamente o contrário: a banalidade da história é um pretexto para nos fazerem ouvir, umas poucas de vezes, a Sofia Bozan no «Canto por no Llorar» e o Carlos Gardel no «El Rosal», de tal modo que a gente até quasi fica a saber de cór os versos todos... Superiormente cantado por Gardel — uma só vez — o tango «Tomo y Obligo».

Na interpretação não está o grande mal do filme. Gardel defende-se dum papel ingrato, Sofia Bozan será aproveitável quando perder as atitudes à la Menichelli, que já cheiram a bafio, e Carlos Baena, muito bem no cómico empresário. Um elemento ha no elenco de «Luzes de Buenos-Ayres» que sobremaneira se destaca — Gloria Guzman. No tipo de Anny Ondra, de Marjorie White ou até da nossa Beatriz Costa, fonogénica e fotogénica bastante, à vontade numa figura cómica que lhe está a carácter, Gloria Guzman, em «Luzes de Buenos-Ayres», é na verdade o elemento mais brilhante...

«Luzes de Buenos-Ayres» faz-me pensar, com medo, em qualquer possível filme português que nos leve a ouvir de princípio a fim, numa história passada na Mouraria, os fadunchos da Maria Alice... Ainda estou a tremer, com receio!...

Autores: Manuel Romero e Luiz Bayon Herrera. Autor musical: Mateo Rodriguez. Fotografia: Ted Pahl. Realizador: Adelqui Millar. Intérpretes: Anselmo, Carlos Gardel, Etoira, Sofia Bozan, Rosita, Gloria Guzman; *Empresário*. Carlos Baena; Villamil, Ruindos (?); Lily, Marita Angeles; Ciriaco, Vicente Padula; *Romualdo*, Jorge Infante; *Secretário*, José Aguiar; *Pablo*, Pedro Quartucci.

Produzida em 1931 pela «Paramount» (França). Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Águia d'Ouro» em 2 Maio 1932.

DOIS CORAÇÕES A COMPASSO (La Fille et le Garçon): — Continuando a sua felicíssima orientação de fazer versões francesas dos principais filmes da sua produção, mas versões a que são prestadas as mesmas cuidadosas atenções, os mesmos esmerados detalhes de produção com que são feitas as versões alemãs, a «Ufa» deu-nos agora «Dois Corações a Compasso», um novo e excelente trabalho saído dos estúdios de Neubabelsberg.

E' consolador ver esses cuidados, acompanhar o esforço grande, único na Europa, dessa casa alemã, o maior baluarte da cinematografia europeia. Autores, cenaristas, directores de produção, realizadores, ajudantes, fotógrafos, di-



Kate de Nagy e Jean Murat, os dois intérpretes de «A Loucura de Monte-Carlo», vão aparecer outra vez em «Um Homem Feliz» («Le Vainqueur»), produção Erich Pommer da «Ufa».

NOTA.— «Um homem feliz» é o Jean Murat. Pudéra! Com a Kate de Nagy ao lado, qualquer de nós era felicissimo!

rectores de som, directores de publicidade, etc., tudo trabalha orientadamente, tudo é função do objectivo a alcançar — a excelência da produção — tudo é feito metodicamente, com um espirito de organização que só tem similar na América.

Daí, a qualidade dos filmes que saem dos estúdios da «Ufa». Analize-se uma por uma, as películas cujas versões francesas aquela casa alemã nos tem enviado, e veja-se qualquer coisa de comparável na própria produção original francesa — *made in France!* Procure-se até, entre todos esses filmes da «Ufa», um obra inferior, que lá fizessem para encher programa, para aproveitar um realizador que estivesse a terminar contrato, para utilizar um artista que estivesse prestes a emigrar... Não há! «O Caminho do Paraíso», «Flagrante Delito», «A's Ordens de Vossa Alteza», «A Loucura do Monte-Carlo», «O Cruzeiro do Amor», «O Congresso que Dança», «A Princesa Encantadora» («Ronny») e «Traição», teem já a consagração de toda a critica e de todo o público, até do público e da critica de França, mau grado seu... Todas são películas marcantes, todas denunciam amplamente um método de trabalho, organizado criteriosamente, inteligentemente, com uma intelligência e um critério que não se tem visto em nenhum outro país e que eu ambicionava, que todos nós devíamos ambicionar, na devida proporção, para a futura produção nacional.

«Dois Corações a Compasso», sem possuir a delicadeza e o espirito, ou, pelo menos, a originalidade que presidiu à produção de «O Caminho do Paraíso», é o filme que mais se lhe assemelha ou aproxima. E se essa aproximação ou semelhança pode ser um defeito, também podemos recebê-la como uma virtude.

O cenário de Franz Schulz (um nome que se acerca do de Robert Liebmann, na cotação dos grandes cenaristas alemães) adaptado duma peça francesa de Brabeau e Dolley, prende-nos habilmente a toda a história, que Wilhelm Thiele materializou com as grandes qualidades de realizador fonocinematográfico, já demonstradas em vários outros filmes que tornaram o seu nome popular nas bocas dos que a estas coisas de cinema ligam alguma atenção.

Nos *travellings*, sobretudo, assenta uma grande parte da técnica pessoal de filmagem, de W. Thiele, que sabe, como poucos, utilizar os *roulants* para a obtenção de maravilhosas imagens. Os *travellings* de Wilhelm Thiele não são executados ao acaso, têm todos um significado ou procuram uma finalidade. E o espectador, as mais das vezes, sente como os intérpretes, caminha com eles, dança com eles, esquece-se de que está no cinema e parece-lhe, antes, que se encontra no Hotel de Beau-Séjour, que pertence ao grupo daqueles *grooms* deliciosos que fariam a fortuna dos nossos hotéis, que canta com eles

*Polis — toujours polis,
Nous somm' les p'tits chasseurs,*

M parece-lhe que dança com a objectiva, como Lillian Harvey e Henry Garat, a encantadora valsa «Tu Veux Divorcer», um mimo de ritmo musical e cinográfico, julga-se, no final, transportado ao cabaré 14 «Oiseau de Paradis», a apurar a Lillian

zinha na espirituosamente paradoxal «Lola, la Satanique», ou a aplaudi-la na canção «Je suis comm'ça», dos tempos idos do Casino de Grenelle...

O conjunto interpretativo de Dois Corações a Compasso é, com o trabalho de realizador Wilhelm Thiele, dos factores mais importantes para o valor desta película. Depois de Lillian Harvey, que de dia para dia, de filme para filme, parece exceder-se em beleza, em gracilidade, em naturalidade e em dotes coreográficos — que ultrapassa mesmo o seu desempenho em «O Congresso que Dança» — da Lillianzinha que não pode ser a madrinha de ninguém porque, afinal, é a madrinha de nós todos; depois de Henry Garat, o simpático actor e apreciável ar-



tista, que tem em cada cinéfila uma admiradora, há que destacar o desempenho de Lucien Baroux, um actor cómico dos melhores que tenho visto no fonocinema, e que, no Duque d'Ariveau tem o seu mais importante papel. A sua máscara, as suas hesitações, as suas interjeições, deram à sua personagem um extraordinário relêvo e colocam Lucien Baroux na vanguarda dos artistas do género, no mesmo nível de Armand Bernard.

Mady Berry, uma excelente actriz, é a sogra ideal do cinema. Marcel Vallée, que ainda há pouco vimos em «Traição»,

forma, com os já indicados, um quinteto de intérpretes que torna da maior harmonia o elenco de «Dois Corações a Compasso», um filme alegre, que nos faz sorrir, que nos dá o prazer de respirar, que nos faz encantar a Vida, prazenteiramente, que nos obriga a esquecer o pêso das contrariedades.

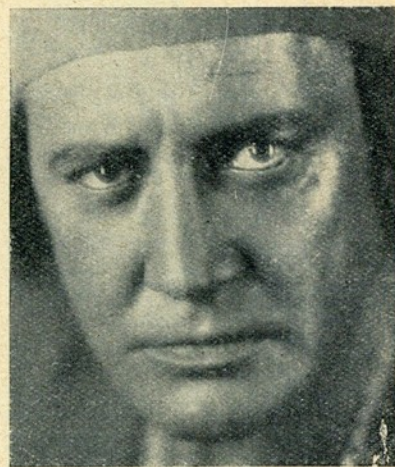
Tal qual como estes dias bonitos de Maio, que nos fazem deixar em casa o pêso do chapéu e do sobretudo!... Que rico! Cinéfilos! Toca a viver!...

Autores: André Birabeau e Georges Dolley. Cenarista: Franz Schulz. Decoradores: V. Arent e Schlichting. Director de som: Dr. Eric Leisner. Fotógrafo: Carl Hoffmann. Actor musical: Jean Gilbert. Autor da letra: Jeane Boyer. Dialogos de Raoul Ploquin. Realizador: Wilhelm Thiele, com a colaboração de André Daven como supervisor e Roger Le Bon como ajudante, nesta versão francesa. Intérpretes: Jenny (Ria Bella), Lillian Harvey; Victor, Henry Garat; O duque d'Ariveau, Lucien Baroux; Maurice, Marcel Vallée; Madame Bientôt, Mady Berry; Um advogado, Léonce Corne; Os dois amigos, Tibor v. Halmay e Franz Rott.

Produzida em 1932 por GUENTHER STAPENHORST («Ufa»). Programa Agência Cinematográfica H. da Costa, L.^a. Estreada no «Trindade» em 3 Maio 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

O casamento de Richard Dix não é válido



Depois da filmagem de «Cimarron», Richard Dix foi nomeado membro da tribo dos índios Kaw, como é do conhecimento dos nossos leitores. Ora quando um índio se casa tem de se submeter a certos rituais, que Richard Dix esqueceu ao casar-se ultimamente com Winifred Coe. O grande chefe Bellmard fez-lhe notar a falta que havia cometido, e Richard prometeu voltar a celebrar a cerimónia segundo as leis e o ritual daquela tribo.

Eisenstein regressa à Europa

O director russo Serge M. Eisenstein embarcou no dia 19 de Abril proximo passado em Nova-York, no paquete «Europa», com destino ao Velho Continente.

OS MELHORES FILMES DE ABRIL

AMOROSA AVENTURA (A)
FATALIDADE
PAMPLINAS EM PIJAMA
QUATRO PENAS (AS) (*)
TENENTE SEDUTOR (O)

AS SEIS MELHORES INTERPRETAÇÕES

CLAUDETE COLBERT em «O Tenente Sedutor».
GRETA GARBO em «Inspiração».
MARLENE DIETRICH em «Fatalidade».
MAURICE CHEVALIER em «O Tenente Sedutor».
MIRIAM HOPKINS em «O Tenente Sedutor».
RAMON NOVARRO em «Sevilha dos Meus Amores».

(*) Foi-nos impossivel a publicação da critica de «As Quatro Penas».

Nesta semana fazem anos :

De 7 a 13 de Maio

- Maio 7 — Gary Cooper (31).
7 — Malcolm White.
8 — George Archainbaud (42).
9 — Richard Barthelmess (35).
10 — Mae Murray (39).
11 — Betty Boyd.
12 — Lya Torá.
13 — Jack Holt (44).

Clara Bow vai retomar o trabalho

Clara Bow vai começar o filme "Red Headed Savage" ("A Selva-gem dos Cabelos Avermelhados") para o produtor Sam Rork, com quem está ligada por contrato. Parece que a "Fox" pretende distribuir aquele filme.

Ouvimos dizer...

que, contra o que tem constado, o filme «Luzes da Cidade», de Chaplin, ainda não está marcado definitivamente para qualquer cinema do Porto.

que a empresa exploradora do «S. João Cine» pensa inaugurar com aquele filme.

que estão a ser preparadas as legendas para os filmes «Milicia da Paz» e «O Tenente do Amor», produções alemãs que a Comp.^a Cinematográfica de Portugal vai distribuir.

que a secção «Fox» daquela Companhia distribuirá ainda esta época o filme "Um Yankee na Corte do Rei Artur", com Will Rogers.

que o filme da "Ufa" "Um homem feliz" ("Le Vainqueur"), com Kate de Nagy e Jean Murat, que o "Trindade" vai estrear, passará em seguida no "São Luiz".

que está no Porto um representante da fábrica alemã "Klang-Film", que pretende colocar entre nós um aparelho de tomada de sons.

que o possível comprador será o sr. Alfredo Anjos, que está preparando a filmagem do documentário sobre Portugal.

que aquela casa está disposta a conceder grandes facilidades, para que seja da sua marca o primeiro aparelho de tomada de sons que se instale em Portugal.

que o novo "S. João Cine" vai apresentar orquestra, que acompanhará os documentários portugueses e tocará nos intervalos.

que também aquele cinema pensa apresentar nos seus programas números de variedades.

que o "Batalha" exhibirá brevemente o filme "Fumo de Pistola", com Richard Arlen, Mary Brian e Louise Fazenda.

que também reexibirá em princípios de Junho "O Preço dum Beijo", com José Mojica.

que o teatro Carlos Alberto continua activamente com as suas obras.

que já está quasi pronta a nova plateia, que vai ficar com toda a comodidade.

que aquela casa de espectáculos deve reabrir em princípios de Outubro, provavelmente como cinema.

que ficará com uma lotação superior a 1.000 lugares.

que ainda não se sabe que aparelhagem sonora instalará.

que o "S. João Cine" desistiu de adquirir o aparelho "Philipsonor".

Incontestavelmente o melhor receptor é o

M E N D E

S o n o r a — R a d i o

Rua 31 de Janeiro, 190—PORTO

B A T A L H A

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

EXITO SEM IGUAL

da grande super-produção da "Paramount"

O CAFÉ DO FELISBERTO

com o querido actor MAURICE CHEVALIER

A seguir: O MISTERIO DA CASA FORTE

com HARRY PIEL

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 16

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do "CINEMA,"

Desconto de 40 % no "Trindade" e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 12 e 14 de Maio

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 12 e 14 de Maio

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 12 de Maio

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 14 de Maio

IMPORTANTE. — As entradas com bonus no «Salão da Trindade» tem os seguintes limites: 1.ª plateia, 200; 2.ª plateia, 50; 2.º balcão, 100; Camarotes, 20. Esgotadas estas lotações, o portador desta senha nada tem a reclamar.



foi um verdadeiro triunfo

a estreia no "CONDES" e no "SÃO LUIZ"
de LISBOA, da tam esperada super-produção

"LUZES DA CIDADE"

a obra-prima do inegalável
CHARLIE CHAPLIN (CHARLOT)



"LUZES DA CIDADE"

é distribuida em Portugal por

CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos.

